

## ATIVISMO VIRTUAL E CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA LÉSBICA ATRAVÉS DO INSTAGRAM

Kleire Anny Pires de Souza <sup>1</sup>

**Resumo:** A construção da memória é muito cara para a historiografia dos excluídos, que por muito tempo tiveram suas narrativas e memórias excluídas, apagadas como uma forma de silenciamento e de categorizá-los e lembrá-los que eles são as margens como pontua Michelle Perrot (2007). Essa construção por muito tempo violenta marginalizou propositalmente a existência de diversos grupos, principalmente as mulheres lésbicas. Diante esse exposto, a lesbianidade é parte central dessa história de exclusão feminina das narrativas históricas, e num ato de resistir, buscaram não se martirizar diante o poder, mas sim subvertê-lo pelas brechas. O Ativismo virtual se torna a partir do advento da web 2.0, um local importante para vozes marginais. Os 'outros' agora podem e tem espaço para falar, e é através desses espaços que as narrativas excluídas ressurgem em seus constructos. A necessidade de falar sobre si, de reconhecer-se enquanto ser social participante do mundo público, principalmente quando sua existência é negada por décadas e até mesmo criminalizada como no caso da lesbianidade. Este trabalho utiliza de fonte perfis de Instagram que evocam a memória lésbica e buscam também construir novas memórias a partir do compartilhamento, discussão das suas próprias vivências.

**Palavras-chave:** Lesbianidade, Ativismo virtual, Instagram

### 1. A WEB 1

O esquecimento não é do acaso, escolhemos o que lembrar e o que esquecer. As memórias são esforços empenhados por nós, criamos memórias e transmitimos memórias por escolhas e partem de esforços lembrar. A memória é um exercício, assim como o esquecimento. O empenho pelo esquecer, em alguns casos é violento e o lugar pelas memórias é uma reivindicação pela existência, um povo sem memória é um povo que não existe. Assim, muitos ativistas ao longo da história, brigaram pela dissipação da sua memória e para que elas não fossem compulsoriamente esquecidas. Apropriando-se de ferramentas da comunicação, os ativistas encontraram durante a trajetória do tempo múltiplas formas de lutar contra o esquecimento.

Os meios de comunicação foram as principais ferramentas encontrados por esses ativistas, para reivindicar memórias e narrativas. Através dessas experiências do passado, muitos ativistas começaram a se utilizar da internet, vendo-a como uma nova alternativa para reivindicar e buscar direitos. Nesse sentido, o papel mais importante para a construção de uma

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista CAPES. E-mail: kkleire@gmail.com

chamado ativismo virtual, se consolida com as inovações propostas pela web 2.0. Essa proposta surge a partir da já existente web 1.0, sendo esse modelo uma abreviação de World Wide Web, ou comumente conhecido (WWW), sendo sites e plataformas que numa primeira versão é destinado às vendas e não tem pleno desenvolvimento dos usuários na rede.

O conceito de web 2.0, surge com o desenvolvimento da internet e a criação de uma chamado ciberespaço. A web 2.0 passa a ganhar esse nome, justamente porque houve uma evolução desde sua versão anterior, agora os usuários poderiam interagir e criar perfis dentro das plataformas, como rede sociais e outros espaços da ‘navegação’. A pesquisadora Sibilía explica que:

A intenção era batizar uma nova etapa de desenvolvimento da internet, após a decepção gerada pelo fracasso das companhias pontocom: enquanto a primeira geração de empresas on-line procurava “vender coisas”, a Web 2.0 “confia nos usuários como co-desenvolvedores”. Agora a meta é “ajudar as pessoas a criarem e compartilharem ideias e informação. (2008, p.14)

Nesse sentido, de ajudar pessoas a criarem e compartilharem conteúdos, as redes sociais surgem como panorama de fundo principal do desenvolvimento dessa web 2.0. Os usuários agora interagem e existem num ‘ciberespaço’, onde acontecem a interação dentro da internet e possibilita essas relações entre os usuários. Essas redes sociais, se tornam então lugares de entrecruzamento e experiências sociais, sendo assim, a integração depende principalmente do usuário e da sua interação naquele ‘ciberespaço’. Santaella afirma que “todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação” (2009, p. 45)

A partir dessas interações, podemos assimilar a construção de uma nova cultura, afinal esse ciberespaço, produz uma nova linguagem, aglutinado de grupos de pessoas com interesses específicos, tudo o que segundo José Luiz dos Santos (2009) afirma produzir um conceito de cultura. Essa nova interação dos usuários, nessa espacialidade virtual, produz então a chamada ‘cibercultura’, carregando em si um conjunto de neologismos específicos e



**11ª Semana Acadêmica de História**  
**Mídias e Representações**  
**08 a 12/11/2021**



compondo-se de técnicas, experiências, modos de agir e pensar dentro desse contexto específico (LÉVY, 1999, p. 17), consolidando assim um ciberespaço.

A tecnologia sem dúvida inaugura a modalidade do atualismo, ou da emergência da velocidade na vida cotidiana, sendo impossível acompanhar seu desenvolvimento que a cada dia se refaz. A tecnologia hoje, é presente em nossas vidas por inteiro, seja para o trabalho, para comunicação, ou até mesmo para o desenvolvimento de simples tarefas do dia-a-dia, essa presença total, cria inquietações nos historiadores, se ela poderia ser ou não espaço para ser uma fonte, ou até mesmo a tese que este trabalho pretende construir, se a plataforma Instagram possibilitada pela criação da web 2.0, pode ficar a ser um Lugar de memória, conceito aprofundado por Pierre Nora em suas discussões sobre memórias.

Essas discussões contribuem cada vez mais para uma busca por meios de se produzir narrativas, registrar e compartilhar a existência das memórias. A partir disso, muitas ferramentas vêm sendo criadas, seja por grupos que sofreram questões traumáticas, ou até mesmos países que tentam como uma forma de justiça, honrar a memória dos seus mortos.

## **2. INSTAGRAM E OS LUGARES DE MEMÓRIA 2**

O aplicativo Instagram, foi apresentada ao público em 6 de outubro de 2010, primariamente como um aplicativo disponíveis apenas para celulares. O Instagram, foi criado pelos desenvolvedores, Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger. O principal foco da plataforma era fotos instantâneas públicas na rede pelos usuários, tanto que os primeiros ícones que estampavam o aplicativo era uma câmera fotográfica modelo Polaroid, modelo esse popularmente conhecido por revelar fotos instantaneamente após serem tiradas, fazendo assim uma alusão ao papel do aplicativo para os usuários.

**FIGURA 1:**



Fonte: Revista Casa e Jardim. Outubro de 2020. Disponível em:

<https://revistacasaejardim.globo.com/Curiosidades/noticia/2020/10/instagram-disponibiliza-antigo-design-de-icone-para-celebrar-seus-10-anos.html>

Criando assim, uma espacialidade reservada para a publicações de fotos e vídeos através de um perfil, novamente trazendo as questões da web 2.0. Essa dependência com o perfil do usuário, é o que modela a ferramenta Instagram, pois, ela por si só é uma rede social, que tem como princípio o compartilhamento de informações sejam elas quais forem.

Esses usuários, ao entrarem no aplicativo tem que construir um perfil naquele espaço digital, o perfil leva um nome e deve ser upada uma foto, que seria a representação daquele perfil que o identifique visualmente, a partir disso este usuário está preparado para adentrar ao Instagram. Esse compartilhamento de fotografias, passa a ganhar muita notoriedade pela internet, realizando uma expansão a nível global, tanto que a rede social passa a ocupar um dos postos de redes sociais mais populares no mundo todo, sendo acessada por 1,39 bilhão regularmente (DIGITAL 2021- I DATI DI LUGLIO. 2021), criando uma verdadeira cibercultura, com sua própria linguagem, seus grupos e comportamentos específicos.

Essas relações sociais dentro das plataformas, passam a ser modificadas e apropriadas por diversos grupos, que veem esses locais como dissipadores de informações instantâneas e um meio de acesso a comunicação global sem cobranças. Diversos ativistas passam a se apropriar dessas redes, para reivindicar questões relevantes socialmente, apontando muitas vezes a desvalorização da memória de certas camadas sociais durante os períodos da história. Utilizando assim o Instagram como um local de exercício de memória e combate ao esquecimento.

A memória durante a trajetória histórica, foi circulada por disputas, sejam elas no campo teórico ou social. A resposta sobre o que é memória depende para quem se pergunta, porém para história, sempre há a confusão; a história é memória. A resposta para essa confusão, por muito tempo foi o foco de diversos historiadores, entretanto, a resolutiva é que a história não é memória e a memória não é sua senhora como afirmou o historiador Paul Ricoeur (2020), para além Ricoeur, ainda destaca que a memória é um exercício pragmático da lembrança, uma vez exercida passa a estar representando o passado no presente.

O autor ainda dividi a memória em artificial e natural, no qual se diferem pelo seu exercício. A história por outro lado é uma ciência, apesar também de ser um exercício ela exige método e ligação com a verdade através dos vestígios que temos do passado para produzir narrativas que o represente, diferente do lembrar da memória, o historiador carece de provas, de fontes que atestem o real.

Essas questões que envolvem a memória, vem a pública muitas vezes relacionados aos monumentos, aos chamados locais de memória por conta de sua inserção no debate público. Esses locais de memória é um conceito estudado por Pierre Nora (1993). O lugar de memória, segundo Nora “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais" (NORA, 1993, p. 13). O autor ainda esclarece que esses lugares são de natureza simbólica, adjetivado pelas ações e lembranças:

são lugares, efetivamente, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, mas simultaneamente em graus diversos. Inclusive um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação lhe confere uma aura simbólica. Um lugar puramente funcional, como um livro didático, um testamento, uma associação de ex-combatentes só entra na categoria se objeto de um ritual. Um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é por sua vez o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma convocatória concentrada da lembrança (NORA, 2008, p. 33).

Os locais de memória mais pungentes que Nora estabelece em sua lógica memorialista, é sem dúvida as construções espaciais que tomam corpo no real, como no caso

materialmente simbolizado. Anteriormente mencionado em arquivos, museus e testamentos, desde que haja a adjetivação simbólica da lembrança, um ativador do lembrar. Entretanto, ao analisarmos a temporalidade que Nora constrói, esse conceito ainda não é teorizado pensando as tecnologias que hoje nas décadas pós 2010 nos estão presentes.

A tese aqui levantada é que o Instagram pode sim ser um local de memória, afinal, a presença simbólica é a própria apropriação do usuário para manipular a rede, criando uma intenção próprio e individual em relação a rede. O Instagram, parte do princípio de compartilhamento de fotografias instantâneas, mas podemos a partir disso recordar as memórias e os exercícios feitos através dessas publicações que hoje vão além de fotografias.

Essa apropriação da plataforma de foto instantâneas, passa a ganhar corpo em outras discussões uma vez que o usuário munido do poder do uso da ferramenta, passa a fotografar objetos e colocar legendas que dizem respeito ao passado, fazendo um verdadeiro exercício de memória. O autor Georges Perec em uma releitura da famosa frase de René Descartes menciona: “Eu me lembro, logo existo”, esse caráter associativo de lembrar como existir, é sem dúvida o relato da experiência de se exercitar a memória, presentificar um passado que já não existe mais através de um local, neste caso estudado o Instagram.

O usuário enquanto sujeito ativo, pode por si alterar o uso da plataforma, por mais que o Instagram se coloque como um modelo instantâneo, é os agentes que elegem o que vai ser publicado em seu perfil, podendo facilmente utilizar aquele espaço para construir memórias num exercício de lembrar, tirando fotos de fotografias impressas do passado, ou também de objetos que compõem esse valor simbólico, e ainda expressar tudo sobre aquilo através das legendas.

### **3. ATIVISMO VIRTUAL NA ERA INSTAGRAM 3**

O ativismo virtual é um conceito muito recente nas ciências humanas, com o advento da internet e sua expansão, criando redes e se consolidando como a maior rede de comunicação mundial, essa expansão também cria meios e mecanismo de interação com o social. A internet começa a ser utilizada pela história como fonte muito recentemente, apenas

no começo do século XXI, sua relação com o social foi de controvérsias e adaptações, adentrando já em análises do tempo presente, a internet se tornou uma importante ferramenta que ressignificou as formas de vivências e ferramentas dos meios de militâncias e ativismo.

Essa nova ferramenta, passa através das redes sociais a fazer muito sentido para analisar o presente e as reverberações do passado. As transformações do ativismo só são possíveis diante a potencialização da internet. As redes sociais, principalmente como o Facebook, Instagram e Twitter, modificaram as formas de interação do ativismo. Antes feito pelas ferramentas da tecnologia do seu presente, como a imprensa, principalmente a imprensa marginal, ou alternativa, zines e folhetins.

A internet, entretanto, como ferramenta disponível passa a criar possibilidades de conexão para além do meio da militância inserida, o ativismo ele ultrapassa as barreiras das cidades, e estados, e podem conectar o Azerbaijão ao Brasil com apenas um clique. Essa novas possibilidades de dissipação de informação, possibilita então reivindicações em escalas globais, o que instiga os ativistas a ocuparem esse ciberespaço em busca de maior dissipação de suas mensagens. A instantaneidade da internet, faz com que as redes sociais mais populares decaiam em segundos, surgindo assim uma nova plataforma, quase numa espécie de efeito manada os usuários migram entre plataformas na velocidade do clique.

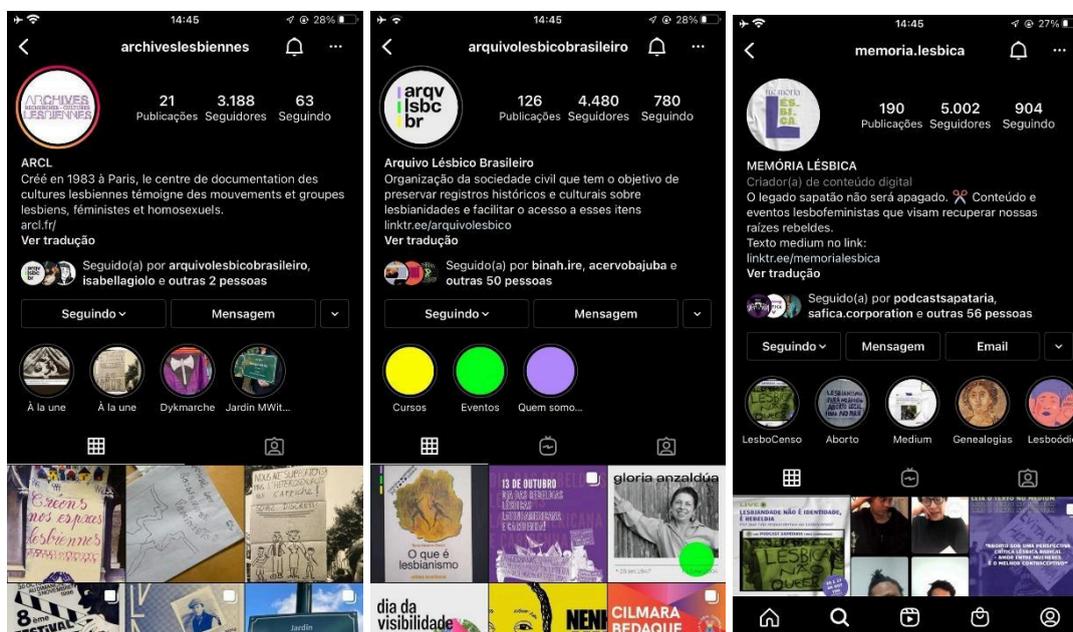
Apesar de redes sociais como o Facebook, o Twitter e outras permitem o compartilhamento de fotos, vídeos é no Instagram que se concentram a ideia de fotografias na internet, justamente porque seu papel desde sua criação em 2010 sempre foi para o compartilhamento de fotografias instantâneas, se caracterizando assim de forma distinta das demais redes, pois, a interação dos usuários sempre se concentram nas fotografias e vídeos publicados.

Esse atrelamento da memória a fotografias é uma forma muito popular do chamado exercício de memória, o Instagram contribuiu com maior dissipação dessa memória que antes era de domínio privado, ou de instituições que preservavam elas em acervos. Agora uma vez postas no ciberespaço, o acesso a memória é redimensionado para o mundo todo numa velocidade de apenas acessar o perfil que publicou a imagem.

A partir daí, muitos grupos marginalizados socialmente e excluídos da história como conceitua Michelle Perrot (1997), veem no Instagram uma alternativa para driblar esses anos de censura e esquecimento compulsório de suas memórias e existência. No caso aqui analisado, as mulheres lésbicas passam a adotar a plataforma para falar da sua existência nos espaços públicos no passado, sua participação política e até mesmo as violências sofridas. Atravessando dessa forma os níveis de memória, o Instagram permite a divulgação em esfera global de memórias que muitas vezes estavam resguardadas ao privado ou ao esquecimento.

Esse ativismo virtual, se torna manifesto e é exercido em busca de uma causa; a lembrança, e lembrar é ir contra o esquecimento, tudo que é lembrado ganha corpo e passa a existir. Alguns exemplos de páginas que ficaram populares por reivindicarem memórias foram os arquivos que surgiram, muitas vezes não tendo somente um usuário por trás desses perfis, mais sim uma rede de pessoas.

FIGURA 2: Compilado de páginas do Instagram



Fonte: Instagram. 2021.

Esses perfis geralmente carregam o nome que remete a esse ativismo, no caso retratado na figura 2, temos subsequentemente exemplos disso: ‘ArchivesLesbiennes’,

'*Arquivolesbicobrasileiro*', '*memoria.lesbica*', todos esses nomes de certa forma remetem a memória de um grupo. É possível perceber, através da sua descrição de perfil essa ideia de construir uma memória, ou apropriar-se da ferramenta da rede para um intuito simbólico de exercício de memória, tornando-se assim esse *ciberlugar* um local de memória e reivindicação política contra o esquecimento.

Em análise de algumas publicações podemos perceber que esses perfis selecionados eles compõem um tipo de memória, dentro dos chamados níveis de memória conceituado pelo historiador Paul Ricoeur (2020), o autor irá trabalhar esse conceito dividindo a memória em: a que pertence ao eu, a um grupo e aos próximos, perante isso podemos destacar que essa categoria de perfis que compõem a figura 2, retrata a memória de um grupo e de próximos. A memória do eu estaria então contida nos perfis pessoais, pessoas que postam fotografias suas em determinadas épocas e contextos diferentes, fazendo esse mesmo exercício de lembrar e tornar isso público.

#### **4. ESQUECIMENTO E CONCLUSÃO 4**

Um pensamento muito comum desde que a rede mundial de computadores passou a se tornar um arquivo de memórias, muito é questionado sobre o esquecimento. E se houvesse um apagão? Tudo o que foi postado seria perdido? E se a rede social for excluída? Como no caso da rede social Orkut, que foi deletada em 2014 e apagou todo o seu banco de dados. Ou talvez quando um usuário decide deletar o perfil que ele compartilhava suas memórias? Um exemplo para ser analisados foi destacado por este trabalho.

FIGURA 4: Perfil desativado



Fonte: Instagram. 2021.

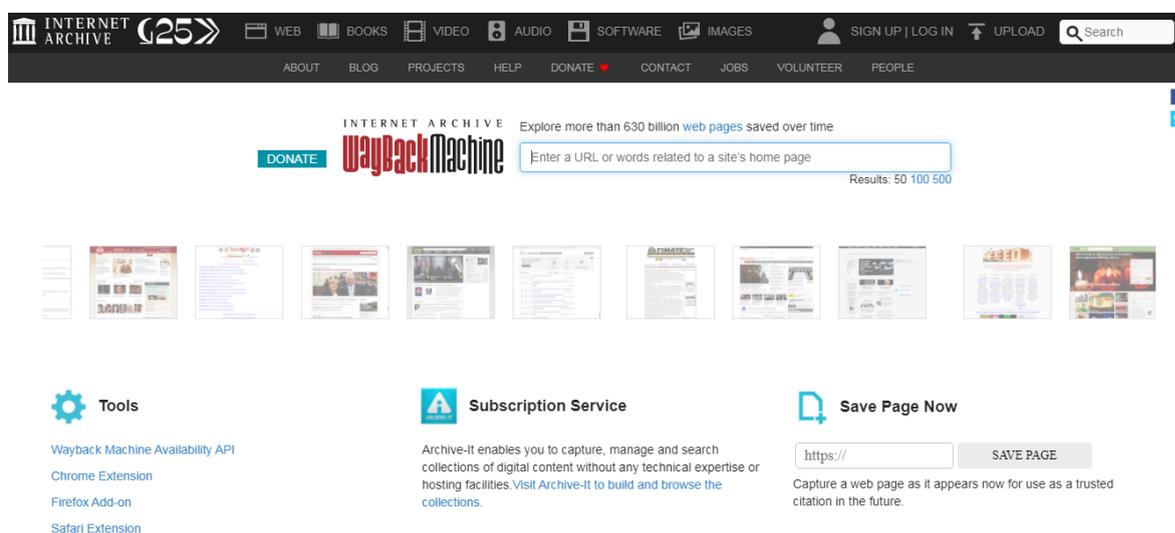
O perfil acima destacado na figura 4, é a representação das dúvidas que permeiam o esquecimento e a insegurança que alguns historiadores têm a respeito do caráter memorialista da internet. A figura 4, mostra um perfil desativado chamado ‘lesbicasnahistoria’ que tinha por seu intuito como mencionam as criadoras “Resgate de histórias de mulheres lésbicas, do presente e do passado”, este perfil não foi excluído ele foi como menciona ‘desativado’, não será mais atualizado e irá permanecer disponível na rede social até sua existência se findar, deixando todo seu conteúdo ainda disponível, justamente para que tudo ali publicado não deixasse de existir, ou seja, que fosse esquecido.

Apesar dessa escolha partir do usuário, há casos como mencionado anteriormente o fim da rede social, o Orkut criado em 2004 e desativada em 2014. A rede, entretanto, ao anunciar seu desativamento enviou um anúncio a todos os seus usuário para que eles baixassem seus dados da rede e não perdessem as memórias que construíram ali, criando assim um acervo disponibilizado pela própria plataforma. Ao acessar o site os usuário veem a

mensagem da empresa: “Adeus, Orkut. O Orkut foi oficialmente desativado no dia 30 de setembro de 2014, mas você pode ver as discussões de comunidades públicas no Arquivo de Comunidades.” (Support Google, 2021). Nesse caso, a própria empresa encontrou uma solução para o esquecimento, passando para usuário o poder de preservar suas próprias memórias digitais.

A internet, apesar de ser conhecida por essa fragilidade perante a exclusão de memórias, cria ela própria soluções para isso. O esquecimento pode sim ser um fragilidade desse ciberespaço, porém existem já diversas ferramentas ao alcance dos usuário que permitem não deixar nada ser esquecido ou ficar sem vestígios da sua existência. Uma ferramenta muito popular é o Wayback Machine, um banco de dados digital criado por uma organização sem fins lucrativos a Internet Archive e que arquiva mais de 613 bilhões de páginas da World Wide Web desde 1996 (Wayback Machine, 2021), essa ferramenta permite que os usuários upem num banco de dados virtuais tudo que há na internet, porém depende do usuário para que esse registro seja feito.

**FIGURA 5**



**Fonte:** Wayback Machine. 2021. Disponível em: <https://web.archive.org>

Armazenando gratuitamente páginas da web, o site permite assim ser um arquivo virtual da internet, combatendo a exclusão de conteúdos e o esquecimento de coisas que já

existiram no ciberespaço e agora já não estão mais disponíveis. O site Wayback Machine, permite que os usuários inseriam sites para serem salvos, e que acesse sites salvos por outros usuários, os sites inseridos geralmente preservam tudo assim como originalmente publicado.

Sendo assim, podemos concluir que o Instagram ele pode ser sim considerado um Lugar de memória, uma vez que através dos ativistas virtuais temos a criação de perfis que compartilham memórias e dão caráter simbólico as publicações, criando arquivos e acesso a esses vestígios do passado, buscando assim produzir dentro do ciberespaço um local de exercício de memória e reivindicações por tais. As ferramentas ainda disponibilizadas pela própria internet, contribuem que nada do que foi compartilhado seja perdido, combatendo assim a tese de fragilidade e esquecimento que muitos taxam a internet de ser.

## **REFERÊNCIAS**

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo. Ed. 34. 1999.

NORA, Pierre. **Pierre Nora en Les lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008.  
\_\_\_\_\_. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993

PERROT, Michelle. **O excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007

RICOEUR, P. **História, memória e esquecimento**. Campinas – SP. Editora Unicamp. 2020.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo. Editora Brasiliense. 2009.

STARRI, Matteo. **DIGITAL 2021 – I DATI DI LUGLIO**. 23 jul. 2021. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2021/07/digital-2021-i-dati-di-luglio/>

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação. Conectividade, mobilidade e ubiquidade**. São Paulo. Paulus, 2010.

SIBILIA, Paula: **Show do Eu**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.